

OS LUTERANOS NO BRASIL

René E. Gertz*

Os historiadores apontam para a presença dos primeiros protestantes no Brasil a partir de 1555, com as invasões francesas. No século XVII retornaram com os holandeses, mas nenhuma dessas duas vindas deixou marcas significativas. Se abstrairmos das formas de religiosidade indígena e das religiões africanas entradas com os escravos, o Brasil colonial desenvolveu-se, do ponto de vista religioso, como essencialmente católico.¹

O primeiro grupo mais expressivo de protestantes a entrar no Brasil e estabelecer-se em definitivo foi o dos luteranos, que, a partir de 1819, e em especial depois de 1824, vieram como imigrantes alemães.

Sempre representaram, porém, uma minoria absoluta dentro da sociedade brasileira, e assim continua até hoje. Há dados que apontam para 1.300.000 na atualidade. Mas esse número, provavelmente, é exagerado. O luteranismo está dividido em duas igrejas², e a maior delas, a

* Professor nos Departamentos de História da PUCRS e da UFRGS. E.mail: gertz@cpovo.net

¹ O texto que segue reproduz as idéias básicas apresentadas sob o título *A cultura brasileira e a migração dos luteranos (1889-1964)*, no Congresso Internacional “Lutero entre as culturas”, realizado de 1º-3 de novembro de 2001 na Universidade de Erfurt (Alemanha).

² As diferenças doutrinárias, políticas ou institucionais, nem do passado nem da atualidade, serão abordadas neste texto. Informações introdutórias podem ser vistas em GERTZ, René E. O luteranismo no Rio Grande do Sul. **Teocomunicação**, Porto Alegre, vol. 13, nº 4, p. 359-68, 1983; RIETH, Ricardo W. Luteranismo rio-grandense no século XX: da independência à institucionalização. In: FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René E. (orgs.). **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996, p. 283-9.

Informações mais detalhadas sobre a história da IECLB estão em DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/EST, 1984; PRIEN, Hans-Jürgen. **Evangelische Kirchwerdung in Brasilien**: von den deutsch-evangelischen Einwanderungsgemeinden zur Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1989; WIRTH, Lauri. **Protestantismus und Kolonisation in Brasilien**. Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission, 1990; KRAUSE, Henrique. **Lutherische Synode in Brasilien**: Geschichte und Bekenntnis der

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), algumas vezes é apresentada como composta por 1.000.000, e até por 1.200.000 membros³, e a outra, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), apresenta em seu *site* na internet o número de 217.645 membros⁴. Com isso, se chegaria a, no mínimo, 1.200.000, mas a IECLB realizou há alguns anos um censo, e só conseguiu localizar, de fato, algo como 700.000 membros. Por isso, deve-se partir do pressuposto de que existem hoje no Brasil não mais de 1.000.000 de luteranos.

O censo demográfico realizado pelo IBGE no ano 2000 indica para o Brasil um total de 170.000.000 habitantes⁵. Os luteranos representariam, assim, apenas 0,58% da população brasileira. Mas eles não só constituem um percentual muito baixo em relação ao total da população: também entre os próprios protestantes brasileiros eles são uma minoria. Admitido que haja em torno de 23.000.000 de protestantes no país⁶, perfariam apenas 4,3% desse total⁷.

Às vezes, porém, informações veiculadas pela imprensa dão a impressão de que sua importância sociocultural, e até política, é proporcionalmente bem maior do que sua participação percentual na população.

Segundo dados levantados em 2000, a quarta universidade entre todas as universidades brasileiras em termos de número de alunos (e a terceira entre as particulares) chama-se Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), cuja mantenedora é uma comunidade ligada à IELB⁸. O pri-

Evangelisch-Lutherischen Synode von Santa Catarina, Paraná und anderen Staaten. Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission, 1993.

A respeito da IELB, cf. REHFELDT, Mário. **The first fifty years of the history of the Igreja Evangélica Luterana do Brasil: the Brazilian District of the Missouri Synod.** Saint Louis: Concordia Seminary, 1962 (dissertação de mestrado); WARTH, Carlos H. **Crônicas da Igreja.** Porto Alegre: Concórdia S. A., 1979; BUSS, Paulo Wille. **Relations between the Lutheran Church - Missouri Synod and the Igreja Evangélica Luterana do Brasil.** Saint Louis: Concordia Seminary, 1981 (dissertação de mestrado); STEYER, Walter O. **Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o luteranismo.** Porto Alegre: Singularart, 1999.

³ O último número é citado por SCHMIDT, Martina. **“Quand nous joignons notre voix au chant de la libération”: enquête sur la présence luthérienne au Brésil.** Lausanne: Université de Lausanne/Faculté de Théologie, 1999 (dissertação de mestrado), p. 48.

⁴ <http://www.ielb.org.br/somos>, posição de 6/9/2001.

⁵ <http://www1.ibge.gov.br/ibge/estatistica/populacao/censo2000/sinopse.php?tipo=21&uf=00>, posição de 28/8/2001.

⁶ Esse número é citado por **Folha de São Paulo**, 18/2/2001, p. A-17.

⁷ É claro que sua colocação não é tão insignificante quando se toma em conta somente o assim chamado protestantismo histórico.

⁸ **Folha de São Paulo**, 2/12/2001, p. C-1.

meiro curso de pós-graduação em Teologia reconhecido pela CAPES foi o da Escola Superior de Teologia da IECLB, em São Leopoldo, que na avaliação de 2001 obteve nota 7, colocando-se entre os 48 (de um total de 1.544) cursos/programas com essa nota, única nota máxima nas áreas de Teologia/Filosofia⁹.

Um levantamento realizado em 1998 mostrou que um oitavo de todos os secretários de educação dos municípios sul-rio-grandenses eram ex-alunos de uma única escola de formação de professores da IECLB, em Ivoti, RS¹⁰. Quando a *Folha de São Paulo* festejou seu 80º aniversário, em fevereiro de 2001, foram convidados representantes dos mais diferentes grupos religiosos existentes no Brasil - como representante *do protestantismo* foi convidado um pastor luterano¹¹.

Num programa *Roda viva*, da TV Cultura de São Paulo, no qual foi entrevistado o sociólogo José de Souza Martins a respeito da questão agrária no Brasil, ele, ao falar das instâncias envolvidas no processo de reforma agrária, citou o governo, o MST, os católicos e, em quarto lugar, os luteranos¹².

Em todos esses casos, deve-se levar em conta que a aparente importância deriva provavelmente mais da projeção e da qualidade das respectivas instituições - e eventualmente de algumas lideranças - do que dos luteranos como um grupo específico da sociedade brasileira.

Cidadãos confrontados com sua "luteranidade", muitas vezes a depreciam muito mais do que destacam. Quando, em 1983, foi festejado o 500º aniversário de Lutero, também a imprensa brasileira dedicou algum espaço ao tema. A revista *Isto É*, depois de falar do reformador, voltou-se para os luteranos no Brasil.

Líderes eclesiais, naturalmente, deram destaque à sua atuação e aos projetos de expansão de suas igrejas, mas os demais luteranos entrevistados tentaram antes minimizar a importância de seu pertencimento a essa confissão religiosa.

O deputado federal sul-rio-grandense Siegfried Immanuel Heuser afirmou que, de forma alguma, devia sua eleição aos fiéis luteranos, mas sim a um eleitorado neutro do ponto de vista religioso; sobre o então já

⁹ **Boletim EST**, São Leopoldo, ano 2, n. 6, p. 5, 2001.

¹⁰ Informação fornecida por Ruben W. Goldmeyer, diretor do Instituto de Educação, de Ivoti, em 23/8/2001. Deve-se levar em conta, naturalmente, que não se trata dos municípios maiores e mais populosos, mas, de qualquer maneira, 12,5% é um percentual muito significativo.

¹¹ **Folha de São Paulo**, *ibid.*

¹² Programa transmitido em 7/5/2001.

ex-presidente Ernesto Geisel, o texto redacional disse que se tratava de uma figura de luterano clássico; ele próprio, porém, destacou que nunca foi um luterano militante, a ponto de nem ter sido confirmado¹³; a ex-Miss Brasil Vera Fischer, questionada sobre sua condição de luterana, respondeu que não se lembrava, em absoluto, se alguma vez militara na Juventude Evangélica - na qual, efetivamente, militou¹⁴.

Talvez essa ambivalência reflita a ambivalência do próprio protestantismo em terras latino-americanas. No século XIX, muitos esperavam do protestantismo que ele, junto com outras forças progressistas, agisse como antídoto ao conservantismo do catolicismo¹⁵.

O sociólogo Emílio Willems defendia essa idéia ainda na década de 1960, e Samuel Huntington certamente continua a defendê-la ainda hoje¹⁶. Em contrapartida, outros autores apresentam o protestantismo latino-americano como colaborador do imperialismo e até de responsável pela tortura sob os regimes militares das últimas décadas¹⁷.

Como mostra a bibliografia arrolada na nota 2, existe um bom número de estudos sobre as instituições eclesiais luteranas no Brasil, mas, como apontou um jovem antropólogo alguns anos atrás, os cientistas sociais brasileiros fizeram muitos estudos sobre adeptos de cultos africanos, sobre católicos, sobre protestantes pentecostais, mas quase nada se escreveu sobre luteranos¹⁸.

A única exceção é o grande interesse antropológico demonstrado para com os luteranos de origem pomerana, em especial os do Estado do

¹³ A Confirmação corresponde à Primeira Comunhão na Igreja Católica.

¹⁴ *Isto É*, São Paulo, 9/11/1983, p. 38-9.

¹⁵ PRIEN, Hans-Jürgen. *Die Geschichte des Christentums in Lateinamerika*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1978, p. 422-3; BASTIAN, Jean-Pierre. *Protestantes, liberais y francmasones: sociedades de ideas y modernidad en America Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990; DREHER, Martin N. Protestantismo de imigração no Brasil: sua implantação no contexto liberal-modernizador e as conseqüências desse projeto. In: DREHER, Martin N. (ed.). *Imigrações e história da Igreja no Brasil*. Aparecida: Editora Santuário, 1993, p. 109-31.

¹⁶ WILLEMS, Emílio. Protestantismus und Kulturwandel in Brasilien und Chile. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Colônia (Alemanha), edição especial nº 7, p. 307-33, 1963; HUNTINGTON, Samuel. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 1997, p. 120-121.

¹⁷ CÉSAR, Waldo et al. *Protestantismo e imperialismo na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1968; ALVES, Ruben. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979.

¹⁸ JUNGBLUT, Airton Luiz. O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem religiosa. In: MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira (eds.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Editora da ULBRA, 1994, p. 139-47.

Espírito Santo. A razão desse interesse talvez possa ser entendida a partir de uma reportagem da revista *Veja* em 1994. O título já diz mais ou menos tudo: *Gente de outro mundo: descendentes de pomeranos vivem no Espírito Santo como se estivessem na Europa do século passado*. Na matéria jornalística, esses seres são assim descritos: “Eles falam pomerânio, um dialeto alemão, constroem casas em estilo renano e freqüentam cultos luteranos”. “Nos cultos luteranos, freqüentados por todos, a igreja é dividida: homens sentam-se à direita e mulheres à esquerda. Se uma mulher chegar à igreja quando a ala feminina estiver completa, terá de assistir ao culto em pé, mesmo que haja vagas no setor masculino”. “Provavelmente não existe ninguém que se pareça com eles em todo o mundo”¹⁹.

A listagem bibliográfica apresentada pela antropóloga Joana Bahia em sua recente tese de doutorado sobre esse tema mostra que há, efetivamente, um grande número de escritos acadêmicos e extra-acadêmicos sobre o assunto²⁰. Nesse caso, porém, o interesse não deriva tanto do fato de que essas pessoas sejam luteranas, mas muito mais do fato de que são *pomeranos* e luteranos.

Diante dessa situação, pretende-se fazer aqui uma tentativa de sistematizar algumas informações básicas sobre os luteranos brasileiros. É evidente que nem sempre é fácil separar as informações sobre *os luteranos* das instituições religiosas luteranas, mas o esforço vai no sentido de ver o luteranismo antes como o conjunto de membros mais ou menos anônimos do que de lideranças religiosas ou instituições eclesiásticas.

1) Na história das confissões protestantes no Brasil a historiografia costuma distinguir três tipos de protestantismo: protestantismo de imigração, protestantismo de missão e protestantismo pentecostal²¹. Apesar de que a ala do luteranismo que hoje constitui a Igreja Evangélica Luterana do Brasil tenha sua origem na atuação de missionários norte-americanos, que desde o início do século XX sempre de novo enfatizaram que sua atuação nunca visou especificamente à população de origem ale-

¹⁹ *Veja*, São Paulo, 8/6/1994, p. 80-2.

²⁰ BAHIA, Joana. “**O tiro de bruxa**”: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do estado do Espírito Santo. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2000 (tese de doutorado). Sobre pomeranos no Rio Grande do Sul, pode ser consultado: **Os pomeranos: valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul - Pelotas e São Lourenço**. Pelotas: Editora Universitária, 1995.

²¹ DREHER, Martin N. **Transformações do luteranismo brasileiro**. São Leopoldo: EST, s. d. (manuscrito).

mã, chegando, inclusive, a ter comunidades constituídas exclusivamente por afro-brasileiros - a verdade é que o luteranismo, como um todo, continua a caracterizar-se, até hoje, por membros de sobrenome alemão.

Na falta de dados estatísticos sobre a origem étnica dos membros das comunidades luteranas, não parece equivocado recorrer aos sobrenomes dos pastores para ter-se uma idéia da composição étnica do conjunto dos luteranos, pois os pastores são recrutados nas comunidades e, por isso, certamente refletem mais ou menos sua composição efetiva. Assim, dos 657 pastores e pastoras ativos no segundo semestre de 2000 na IECLB, 609 tinham sobrenomes alemães, isto é, aproximadamente 93%²².

Entre os de sobrenome não-alemão há alguns espanhóis e japoneses, indicando que se trata de pastores de outros países latino-americanos e do Japão, que podem estar atuando em regime de intercâmbio. A IELB indica em seu *site* que possui 524 pastores²³ ativos, apresenta, porém, uma lista de 691 nomes, o que, provavelmente, significa que a lista inclui pastores aposentados e licenciados. Em todo caso, dentre esses 691 nomes há 612 de origem alemã, o que representa um percentual de 88,5%²⁴.

Nesse sentido, deve-se chamar a atenção para o fato de que para a opinião pública brasileira, e também para muitos cientistas sociais, as comunidades de origem alemã em geral, e sobretudo as luteranas, se caracterizariam pelo profundo isolamento. Em uma pesquisa realizada no início dos anos 1960, sob orientação de Darcy Ribeiro, a respeito de uma comunidade rural no interior de Santa Catarina, lê-se: “a Comunidade Evangélica, sempre reunindo um grupo de origem alemã, constitui um dos fatores que mais se opõem à assimilação dos seus elementos à sociedade brasileira”.

Tais citações poderiam ser multiplicadas às centenas. Interessante, porém, é que a autora escreve algumas linhas depois: “as relações entre católicos e protestantes são dirigidas por uma tradição que sublinha ao máximo o seu caráter amistoso e auxílio mútuo”. Assim, a metade das

²² **Prontuário da IECLB - 2000/II**. São Leopoldo: Sinodal, 2000, passim. O percentual de 93% coincide quase por completo com um percentual apurado por Paul Freston para o ano de 1992 (92,6%) (FRESTON, Paul. Dilemas de naturalização do protestantismo étnico: a Igreja Luterana no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, vol. 16, nº 24, p. 68, 1998).

²³ A IELB não tem *pastoras*.

²⁴ <http://www.ielb.org.br/somos/>, posição em 6/9/2001.

crianças do jardim de infância protestante seria católica, apesar de que estes só constituiriam 29% da população²⁵.

Seria interessante realizar uma pesquisa mais detalhada sobre essa aparente contradição, pois, ou a opinião pública, e muitos cientistas sociais, não têm razão, ou então efetivamente a solidariedade *étnica* entre os descendentes de alemães é tão forte que se sobrepõem a eventuais clivagens religiosas, como mostraria o exemplo acima.

2) A Constituição monárquica do Brasil garantia a liberdade de consciência e, portanto, a liberdade de confessar uma religião não-católica. Havia, porém, ao mesmo tempo, restrições ao exercício do culto e também da cidadania plena para os não-católicos²⁶. Se a gente levar em consideração que os luteranos viveram durante 55 anos sob esse regime de restrições (1824-1889), causa alguma estranheza que não haja registros de adesões maciças ao catolicismo²⁷. Pois, deve-se destacar que nas mesmas regiões em que habitavam, em geral, existia um catolicismo étnico alemão, de forma que a adesão a ele não traria maior prejuízo à identidade étnica.

Mesmo que não tenhamos dados quantitativos confiáveis sobre o século XIX, números do século XX mostram que o percentual da população luterana sobre o conjunto da população no sul do Brasil se manteve dentro dos padrões de crescimento vegetativo. Dados sobre o Rio Grande do Sul, por exemplo, indicam o seguinte: em 1900 2,6% da população eram luteranos, em 1930 5,5%, 6% em 1956 e 5,8% em 1966²⁸.

²⁵ ALBERSHEIM, Úrsula. **Uma comunidade teuto-brasileira (Jarim)**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais - MEC/INEP, 1962, p. 135-8.

²⁶ Sobre a constituição do Império e os protestantes, cf. COSTA, Hermisten Maia Pereira de. **A influência da Constituição de 1824 na implantação do protestantismo no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1999 (dissertação de mestrado); cf. ainda, RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1973. Concretamente, os protestantes não podiam construir prédios para seus cultos com forma exterior de templo, seus registros de nascimento, casamento e óbito tinham reconhecimento controvérsico, havia restrições ao exercício do voto, de cargos públicos, etc.

²⁷ SPIEGART, Roland. **Os alemães protestantes no Brasil e a gênese de um protestantismo brasileiro**. Munique (Alemanha), 2000 (manuscrito). Em Candelária, no interior do Rio Grande do Sul, foram registrados entre 230 casamentos realizados de 1889 a 1891 cinco com católicos, dos quais quatro com cônjuges de sobrenome luso-brasileiro (RA-DÚNZ, Roberto. **Do poder de Deus depende**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1996, p. 100).

²⁸ Os números sobre os luteranos foram buscados em BERGER, Manfredo. A função da Igreja no processo de aculturação dos teuto-brasileiros. In: **II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1974, p. 523. Os dados

Assim, temos o seguinte dado interessante: mesmo que uma parte muito grande de luteranos dos séculos XIX e XX não tenha sido de adeptos fanáticos de sua confissão religiosa, e especialmente da instituição igreja - como se tentará mostrar no próximo ponto - constitui um fenômeno interessante o fato de que não tenham aberto mão de sua religiosidade específica, mesmo sob condições adversas.

3) Organizações eclesiásticas luteranas, na forma de “sínodos”, são um fenômeno da época da virada do século XIX para o XX - quando os luteranos já se encontravam havia mais de 60 anos no país. Em 1886 foi criado o primeiro sínodo, que no decorrer do tempo se mostraria como o mais importante, o Sínodo Riograndense, ao qual se seguiram até cerca de 1910 sínodos semelhantes em outros estados.

Mas o historiador Martin Dreher escreve que, até a Primeira Guerra, esse sínodo não foi muito mais do que “uma associação de comunidades (talvez fosse mais correto dizer: pastores) que lutava por conseguir a confiança das (outras) comunidades (pastores)”²⁹. Essa constatação reflete a tendência generalizada dos luteranos de organizar-se em comunidades autônomas, renegando, conscientemente, a organização em instâncias eclesiásticas mais amplas.

A resistência contra organizações eclesiásticas abrangentes é uma característica que é citada em todos os lugares em que se estabeleceram luteranos. A emigração para o Brasil foi vista, pela maioria dos emigrantes alemães, como uma libertação das imposições sociais e políticas, mas também das religiosas. São abundantes as manifestações de que não se desejava submeter-se a um pastorado imposto de fora, por uma autoridade eclesiástica, por exemplo.

Essa atitude teve efeitos duradouros na história dos luteranos no Brasil. Por isso, a distância entre aquilo que pastores diziam e faziam e aquilo que os membros diziam e faziam foi um reflexo das tendências autonomistas. O Sínodo Riograndense, durante muito tempo, foi obra de pastores, e não de membros. E a resistência contra essa organização pode ser medida pelo fato de que até a década de 1960 um número considerável de luteranos do Rio Grande do Sul vivia em “comunidades livres”. Nessa época, muitas vezes já eram atendidas por pastores regularmente formados, mas instituídos pela comunidade e a ela subordinados.

sobre o total de habitantes do estado estão em FUNDAÇÃO de Economia e Estatística (ed.). **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FEE, 1981, passim.

²⁹ DREHER, **Igreja e germanidade**, p. 97.

Havia, portanto, entre os luteranos uma forte tradição anti-eclésiástica. Do ano de 1899 ficou registrada uma observação de Candelária, interior do Rio Grande do Sul, que diz: “Nós não queremos ser comandados nem receber lições (de pastores). Não é por isso que viemos para o Brasil! Isso se pode ter na Alemanha! Aqui é o país da liberdade! Ninguém precisa dar ouvidos (a um pastor)!”³⁰. Só por isso, certamente, seria mais interessante estudar os luteranos do que as organizações eclesíásticas luteranas - o que, porém, até hoje não aconteceu.

4) Do ponto de vista social, deve-se distinguir, num primeiro momento, de forma clara, entre os luteranos que vieram ao Brasil como produto da revolução industrial na Europa, e que se estabeleceram como pequenos proprietários rurais, por um lado, e os assim chamados luteranos urbanos, por outro.

Os primeiros constituíram durante todo o período que vai dos anos 1820 aos 1930 a grande maioria. Morando em comunidades homogêneas ou também mistas do ponto de vista religioso, não abandonaram sua fé luterana, como foi mostrado, mesmo que, em geral, de forma alguma tenham sido entusiastas de organizações eclesíásticas.

Organizavam suas comunidades e escolhiam um dentre eles como pastor, o qual mais tarde foi chamado de “pseudo-pastor” por pastores com formação teológica e ordenação - a história eclesíástica mais recente fala de “pastores-colonos”. Além da realização dos ofícios religiosos tradicionais (batizados, casamentos, enterros), essas comunidades exerciam um papel muito importante na alfabetização das crianças, tarefa que, muitas vezes, também era atribuída ao “pastor”.

O destaque a esse aspecto das comunidades da época é muito importante, pois a partir dessas precárias escolas desenvolveu-se um sistema escolar que foi “nacionalizado” na Segunda Guerra, mas deu origem a uma arraigada cultura escolar, cujos efeitos são sentidos até hoje. Muitas dessas comunidades apresentam os mais baixos índices de analfabetismo do Brasil³¹.

³⁰ TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e Igreja: as comunidades-livres no contexto da estruturação do luteranismo no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: EST, 1996 (dissertação de mestrado), p. 62. Cf. também, WITT, Osmar Luiz. **Igreja na migração e colonização**. São Leopoldo: Sinodal, 1996, em especial p. 68 e segs.

³¹ Sobre a tradição escolar da IECLB, cf. MEYER, Dagmar E. Estermann. **Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul/São Leopoldo: EDUNISC/Sinodal, 2000. No que tange à IELB, cf. LEMKE, Marli Dockhorn. **The principles of Lutheran education and the confessional schools administration in the context of pedagogic ideas in the south of Brazil**. Wisconsin: Wisconsin International University, 1999 (tese de doutorado). Naturalmente essa

Na outra extremidade da pirâmide social encontravam-se aqueles luteranos que se estabeleceram nas cidades maiores, a partir de 1850. Tratava-se, em geral, de pessoas econômica e intelectualmente melhor posicionadas, que, em muitos casos, haviam participado dos movimentos políticos de 1848 na Alemanha.

Eram jovens que procuraram fazer a vida no Brasil e que, durante a segunda metade do século XIX, exerceram um papel muito importante como jornalistas, políticos, professores, isto é, como intelectuais, e ainda como empresários. Também eles se caracterizaram por não aderir nem mais nem menos ao catolicismo, mas estavam, igualmente, longe de ser luteranos piedosos. Sobre a comunidade de Porto Alegre, um pastor escreveu, no século XIX, que ela se compunha de ricos comerciantes e artesãos, que sem muita insistência se dispunham a contribuir para a manutenção da igreja.

Na sua chegada, teriam, imediatamente, reunido dinheiro para embelezar o templo, mas do reino de Deus não queriam saber. No primeiro parágrafo dos estatutos da comunidade estaria escrito que ela é “evangélica, protestante, *de livre religiosidade*”. A coisa mais impressionante na vida da comunidade seriam as festas, que seriam verdadeiras “farras”³². Isso significa que a comunidade tinha uma função, sobretudo, recreativa.

Sobre os anos 1920, diz-se que a comunidade se compunha de uma “boa classe média” (comerciantes, profissionais liberais, acadêmicos e técnicos)³³. E mesmo que se fale de uma mudança na estrutura social dessa comunidade nas décadas seguintes, um visitante norte-americano dos anos 1950 escreveu que ela representava antes um centro de “protestantismo cultural” do que de uma efetiva fé evangélica³⁴.

tradição escolar não é uma exclusividade dos luteranos, os católicos de origem alemã lhes eram muito semelhantes nesse aspecto. Cf. a respeito: KREUTZ, Lúcio. **O professor paroquial: magistério e imigração alemã**. Porto Alegre/Caxias do Sul/Florianópolis: Editora da Universidade/EDUCS/Editora da UFSC, 1991. De acordo com dados divulgados pelo IBGE sobre o censo de 2000, dos 10 municípios com mais alto índice de alfabetização no Brasil, 8 são do Rio Grande do Sul e 2 de Santa Catarina, todos típicos de colonização alemã (não necessariamente de maioria luterana) (**Zero Hora**, Porto Alegre, 8/1/2002, p. 4-5).

³² HUNSCHÉ, Carlos Henrique. **Protestantismo no sul do Brasil**. Porto Alegre/São Leopoldo: EST/Sinodal, 1983, p. 59-63.

³³ KOCH, Egon. Estrutura social de uma comunidade urbana. **Igreja em nossos dias**, São Leopoldo, ano 7, nº 8, p. 8, 1963.

³⁴ BACHMANN, E. Theodore. **Lutheranism in Brazil: a short historical account**. Califórnia: Berkeley, 1959 (manuscrito), p. 23.

Da comunidade do Rio de Janeiro, sabe-se que um cônsul, bem como outros elementos da elite econômica e social, foram os fundadores. Em um escrito comemorativo do centenário da fundação, em 1927, um pastor escreveu: “Se antigamente o pertencimento consciente à comunidade constituía um problema, não representando mais do que o pagamento das mensalidades e o convite ao pastor para as cerimônias tradicionais, e se apenas uma parcela muito pequena constituía presença fiel nos cultos, a coisa, hoje, ficou muito pior”³⁵.

O sociólogo Emílio Willems cita um pastor que fala de concubínatos, incestos e outras grandes irregularidades, que se manifestariam por ocasião de batizados, confirmações e casamentos³⁶. Há alguns anos, o antropólogo Guilherme Otávio Velho se filiou à comunidade. Certo tempo depois, manifestou seu mal-estar, na qualidade de membro, pois lhe faltaria totalmente qualquer base popular³⁷.

Sobre a comunidade de São Paulo, Willems nos fornece alguns dados interessantes. No ano de 1905, viviam na cidade entre 3.000 a 4.000 mil luteranos alemães ou de origem alemã, mas a comunidade só tinha 61 membros inscritos.

Em 1928, essa relação estava na proporção de 20.000/800. Em 1934, uma multidão de 24.000 “alemães” teria comparecido a uma comemoração do 1º de Maio, o culto luterano anunciado em conexão com essa festividade, porém, teria sido cancelado por total falta de interessados³⁸.

Em Curitiba, desencadeou-se, em 1899, uma briga entre os membros e o pastor, porque este queria ministrar ensino religioso às crianças da escola ligada à comunidade. A absoluta maioria dos membros era contra essa intenção do pastor³⁹.

No que tange a essa comunidade, há, além desse, alguns outros dados interessantes. Um levantamento demográfico referente a 3.235 famílias católicas e luteranas da “colônia alemã” de Curitiba, entre 1850 e 1919, mostrou que 704 delas tinham, no mínimo, um de seus membros

³⁵ HOEPFNER, L. **1827-1927 - Festschrift zur Jahrhundert-Feier des Bestehens der Deutsch-Evangelischen Gemeinde in Rio de Janeiro**. (Sem indicações), 1927, p. 65.

³⁶ WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1946, p. 473.

³⁷ SCHÜNEMANN, Rolf. **Em busca da dinamicidade: a presença pastoral da Igreja Evangélica de Confissão Luterana nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e de São Paulo entre 1960 e 1990**. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1997 (tese de doutorado), p. 63.

³⁸ WILLEMS, A **aculturação...**, p. 474.

³⁹ PFEIFER, Johannes. **Auf Luthers Spuren in Lateinamerika**. Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission, 1969, p. 44.

casado com um membro da outra confissão. Mesmo que a informação não deixe claro se a tendência para “passar para o outro lado” era maior entre católicos ou luteranos, ela mostra que não se levava a religião tão a sério⁴⁰.

Em 1891, a diretoria da comunidade de Florianópolis decidiu que “cada alemão aqui residente pode ser membro da comunidade, independente de sua confissão”. Isso mostra que a comunidade era vista, sobretudo, como uma associação recreativa impregnada do espírito do germanismo, mas era, do ponto de vista social, claramente excludente, em relação a *determinados* “alemães”.

Assim, em 1915, uma assembléia de todos os membros decidiu que camponeses e empregadas domésticas que transferissem moradia do interior para a cidade não poderiam se admitidos como membros⁴¹.

Desde aproximadamente 1910, desenvolveu-se no sul do Brasil um processo de industrialização e urbanização, que fez surgir cidades médias nas regiões de colonização alemã⁴². Nessas cidades, surgiu uma nova “classe média”, que se transformou num terceiro componente na composição social do luteranismo.

Na falta de estudos detalhados, só podemos levantar algumas hipóteses sobre as conseqüências do surgimento desse novo estrato. Desde o início dos anos 1960, estudantes universitários luteranos do interior envolveram-se na então muito ativa política estudantil de esquerda, sobretudo em Porto Alegre⁴³.

⁴⁰ RANZI, Serlei Maria Fischer. Religião e identificação étnica. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, vol. 26, nº 1, p. 249-57, 2000. Interessante, no entanto, é que a autora da pesquisa constata que os luteranos que passaram ao catolicismo tendiam a ser enterrados no cemitério luterano, o que denotaria um certo apego à confissão, característica de quem não dá importância à religião, mas não a abandona de todo.

⁴¹ KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro-Florianópolis**. Florianópolis: Papalivro, 1994, passim.

⁴² DELHAES-GÜNTHER, Dietrich von. **Industrialisierung in Südbrasilien**. Colônia: Böhlau Verlag, 1973; KOHLHEPP, Gerd. **Industriegeographie des nordöstlichen Santa Catarina (Südbrasilien)**. Heidelberg: Selbstverlag des Geographischen Instituts der Universität Heidelberg, 1968.

⁴³ DONNER, Sandra Cristina. **Os jovens luteranos e a “revolução brasileira”: um estudo histórico da Congregação dos Estudantes de Porto Alegre, da Associação Cristã de Acadêmicos e da Revista da Juventude Evangélica na década de 1960**. São Leopoldo: EST, 2001 (dissertação de mestrado); SCHÜNEMANN, Rolf. **Do gueto à participação política: o surgimento da consciência sócio-política da IECLB entre 1960 e 1975**. São Leopoldo: Sinodal, 1992, p. 66. Ao menos um estudante da IELB do Seminário Concórdia participava da diretoria do Diretório Estadual de Estudantes, em

Nesse mesmo período, a Faculdade de Teologia (hoje Escola Superior de Teologia - EST⁴⁴), em São Leopoldo, começou a possibilitar a admissão de egressos de qualquer escola secundária brasileira, quebrando o monopólio do Instituto Pré-Teológico como caminho único para o estudo da Teologia. Esta última escola se caracterizava pelo fato de que possivelmente 90% de seus alunos provinham de famílias camponesas, além de alguns filhos de pastores e professores. O ensino de várias disciplinas era em alemão, de forma que, expressamente ou não, ela se caracterizava por uma certa germanidade.

Com o ingresso na Faculdade de Teologia de estudantes provenientes de outras escolas e pertencentes à citada “classe média”, começaram a aparecer vozes críticas ao excesso de germanidade e reivindicações por uma “brasileirização”, que deveria estender-se para toda a igreja⁴⁵. Politicamente, isso significou uma inflexão à “esquerda”, e dessa tendência desenvolveu-se depois a Teologia da Libertação, que hoje parece predominar na Escola Superior de Teologia.

Mas, por outro lado, surgiram, provenientes exatamente do mesmo estrato social, movimentos pietistas e fundamentalistas, que tentaram estabelecer conexões com movimentos universitários de universidades leigas, aderindo a um movimento surgido em outras igrejas, que também se espalhou pelas comunidades⁴⁶.

Para os adultos que seguem mais ou menos essa mesma linha, surgiu o movimento “Encontrão”, que, muitas vezes em dias de carnaval, reúne milhares de pessoas, sobretudo casais, onde se celebra a “espiritualidade”. Para os jovens estudantes, e também pastores, adeptos da Teologia da Libertação, que têm seguidores nas comunidades, em contrapartida, parece muitas vezes que a Teologia se reduziu a uma pura Antropologia, onde praticamente não se fala mais de Deus e de Espiritualidade.

A direção da IECLB - menos a da IELB⁴⁷ - pode-se caracterizar, provavelmente, como “progressista”: ela destaca os compromissos sociais e políticos da igreja, assumindo uma posição intermediária e de interme-

1964 (BERGER, Agenor. **Postura da Igreja Evangélica Luterana do Brasil frente ao regime militar [1964-1985]**. São Leopoldo: EST, 1994 [dissertação de mestrado], p. 90).

⁴⁴ Esta sigla EST não deve ser confundida com a Editora EST. Esta última é a abreviatura para Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, com sede em Porto Alegre.

⁴⁵ SCHÜNEMANN, Do gueto..., p. 56 e segs.

⁴⁶ QUADROS, Eduardo Gusmão de. **Conquistando o mundo estudantil para Cristo: uma história da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (1957-1987)**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998 (dissertação de mestrado).

⁴⁷ Cf. BERGER (Agenor), op. cit.

dição. É difícil dizer qual das tendências predomina, hoje, entre os membros das comunidades, mas parece que as tendências conservadoras não podem ser subestimadas⁴⁸, mesmo que no Brasil não tenha ocorrido um cisma, e provavelmente não venha a ocorrer, como ocorreu no Chile após o golpe militar de 1973⁴⁹.

5) Estudos demográficos têm mostrado que os luteranos brasileiros apresentam um comportamento semelhante ao de protestantes em outras partes do mundo no que se refere ao número de filhos, quando comparados aos católicos.

Levantamentos sistemáticos a respeito só existem - pelo que conheço - em relação à comunidade de Curitiba. Ali foi constatado um número superior não explicado de filhos nas famílias luteranas em relação às católicas, até 1894⁵⁰.

A constatação, no entanto, pode derivar de um problema metodológico, pois a partir dessa data os casais luteranos reduziram o número de seus filhos de 6-7 para 4-5, no ano de 1920; e de 1920 até 1939 esse número recuou para 2-3, enquanto o número de filhos dos casais católicos sempre se manteve superior⁵¹.

Um levantamento do ano de 1966 em uma comunidade totalmente rural no interior do Rio Grande do Sul mostrou que os casais católicos tinham, em média, 5,81 filhos, enquanto os luteranos tinham apenas 4,07⁵². Em um município que apresentava tanto zonas rurais quanto um

⁴⁸ Essa opinião é compartilhada por SCHMIDT, op. cit., p. 112.

⁴⁹ Essa é também a opinião de PRIEN, Hans-Jürgen. Lateinamerika (Brasilien/Argentinien). In: DUCHROW, U. & HUBER, Wolfgang (eds.). **Die Ambivalenz der Zweireichenlehre in lutherischen Kirchen des 20. Jahrhunderts**. Gütersloh: Gerd Mohn, 1976, p. 197.

⁵⁰ Entenda-se que em ambos os casos dentro da "colônia alemã".

⁵¹ NADALIN, Sérgio Odilon. Cidade, ciclos matrimoniais e etnicidade: imigrantes e descendentes de origem germânica e luterana em Curitiba, 1866-1939. **História: questões e debates**, Curitiba, ano 16, nº 30, p. 217-21, 1999; NADALIN, Sérgio Odilon. Fecundidade das famílias de confissão luterana em Curitiba, 1920-1939. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, nº 2, p. 175-84, 1981; NADALIN, Sérgio Odilon. Dinâmica da população evangélica luterana em Curitiba a partir de 1866: alguns aspectos sobre fecundidade. **História: questões e debates**, vol. 3, nº 5, 195-204, 1982. O mesmo autor fez uma tese sobre o assunto que não pôde ser utilizada (**Une paroisse d'origine germanique au Brésil: a communauté évangélique luthérienne à Curitiba entre 1866 et 1969**. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1978).

⁵² DRESSSEL, Heinz. **Der deutschsprachige Kolonist im alten Siedlungsgebiet von São Leopoldo, Rio Grande do Sul: eine soziologische Studie unter besonderer Berücksichtigung von Dois Irmãos**. Neuendettelsau: Freimund, 1967, p. 79. Também nesse caso tanto católicos quanto luteranos eram de origem alemã.

pequeno centro urbano puderam ser constatadas claras diferenças entre católicos e luteranos em relação ao número de filhos no período anterior a 1930⁵³.

6) Mesmo que a famosa tese weberiana sobre a ética protestante se refira concretamente aos calvinistas, a relação entre luteranismo e desenvolvimento econômico no Brasil tem sido aventada. Um estudo sobre Santa Cruz do Sul entre o início da sua colonização na metade do século XIX e 1930 mostrou claramente que os principais empreendimentos estiveram em mãos de luteranos, mesmo que no ponto de partida não tenha sido possível constatar diferenças entre a qualidade da terra e, portanto, a riqueza dos colonos.

Em 1892, havia 14 “indústrias”, das quais 10 pertenciam a luteranos, 3 a católicos, e a filiação religiosa de um dos “industriais” não foi possível estabelecer. Em 1895, 73% da força motriz estava instalada em empresas de luteranos. Em 1902, dos 15 empreendimentos que mais impostos pagavam, 12 estavam em mãos de luteranos.

Uma estatística industrial de 1916 mostrou que 66% do capital investido pertencia a luteranos e apenas 28% a católicos; na mesma época, 73% da produção era creditada a luteranos e só 22% a católicos. A Associação Comercial e Industrial local tinha, em 1924, na sua diretoria, 14 luteranos e 2 católicos⁵⁴.

Um historiador constatou que em Blumenau uma série de iniciativas de caráter econômico muito importantes partiu de luteranos. Foi um luterano que, em 1903, introduziu o primeiro automóvel, um luterano abriu, em 1904, o primeiro cinema, inaugurou em 1907 a estrada de ferro Blumenau-Ibirama - muito importante para a economia local -, criou, em 1909, a Companhia Força e Luz e colocou em funcionamento, em 1935, o primeiro transmissor de rádio⁵⁵.

Além disso, ele cita um historiador local de acordo com cujas pesquisas a maioria absoluta dos comerciantes, em 1920, era composta de luteranos. Os luteranos também se teriam dedicado com muito mais afin-

⁵³ KRAUSE, Silvana. **Economia, política e religião em Santa Cruz do Sul na República Velha**. Porto Alegre: UFRGS, 1991 (dissertação de mestrado).

⁵⁴ Idem, p. 204-5. A soma dos percentuais não dá, necessariamente, 100%, porque em alguns casos não foi possível identificar o pertencimento confessional.

⁵⁵ Para não deixar dúvida: não se tratava de um mesmo luterano, como a construção da frase poderia sugerir.

co do que os católicos à construção de escolas, assim que teriam sido os principais portadores de ideais de modernização⁵⁶.

Na União Popular dos católicos de origem alemã do Rio Grande do Sul sempre de novo se fizeram ouvir vozes que lamentavam que os agricultores católicos não conseguiam atingir o mesmo nível de vida que os luteranos.

O principal mentor intelectual da União Popular, padre Teodoro Amstad, escreveu em suas memórias que na colônia confessionalmente mista de Nova Petrópolis os luteranos superavam os católicos “também no concernente à sua colocação social e quanto às posses”. Outros, como o influente jornalista Hugo Metzler, manifestaram-se de forma muito semelhante em relação a todo o interior do Rio Grande do Sul⁵⁷.

Mesmo assim, essa questão não está decidida. Se a tese do protestantismo mostra eficácia para um estudo limitado a Santa Cruz do Sul, ela não se sustenta, sem mais nem menos, numa comparação entre Santa Cruz do Sul e Caxias do Sul, por exemplo.

Caxias do Sul, apesar de sua colonização ter iniciado cerca de 25 anos depois da de Santa Cruz e apesar de ter sido realizada por italianos católicos, e ainda localizar-se em terras menos próprias para a agricultura, teve um crescimento muito mais vertiginoso do que a primeira.

7) A uma maior presença dos luteranos na economia dentro das regiões de colonização alemã, sempre correspondeu uma menor participação na política partidária⁵⁸. Naturalmente, as “condições iniciais”, nesse caso, favoreciam os católicos. Não só o contexto brasileiro mais amplo era católico, mas os luteranos sofriam restrições formais ao exercício da cidadania plena até o fim do Império.

No que tange ao Rio Grande do Sul, havia vários deputados católicos de sobrenome alemão na Assembléia de Representantes, desde o início da República, mas o primeiro luterano (Arno Philipp) só ingressou em 1905. Philipp, no entanto, não era um representante dos luteranos, no sentido de que tivesse sido eleito por eles ou ingressado por sua pressão - ele havia sido convidado por Borges de Medeiros para entrar na lista de

⁵⁶ KLUG, João. **A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina - a ação da Igreja Luterana através das escolas (1871-1938)**. São Paulo: USP, 1997 (tese de doutorado), p. 42-3 e 223.

⁵⁷ AMSTAD, Teodoro. **Memórias autobiográficas**. São Leopoldo: UNISINOS, 1981, p. 151. Skt Paulusblatt, Porto Alegre, nº 1, 1912; Deutsches Volksblatt, Porto Alegre, 5/5/1925. Agradeço a Ernelo Schallenberger pela indicação dessas fontes.

⁵⁸ Para manter a simetria, cumpre destacar que a comparação também se refere à “colônia alemã”.

candidatos governistas, possivelmente com a finalidade de cooptar a população de confissão luterana.

Nos anos 1930, apareceu outro representante luterano (A. J. Renner), mas este pertencia à “representação profissional”, instituída pela Constituição de 1934. Deputados federais luteranos só foram eleitos no final da década de 1950⁵⁹.

Isso, no entanto, não significa, de forma alguma, que os luteranos tivessem se desinteressado totalmente da administração do aparelho de Estado. Ao nível municipal, pode-se constatar, entre o início da República e a Segunda Guerra, sua presença massiva, e muitas vezes dominante. O citado trabalho sobre Santa Cruz do Sul, que mostrou a predominância dos luteranos na economia, também mostrou que os luteranos marcaram, no mínimo, o mesmo nível de presença na política - o que é compreensível, já que dominavam os setores mais importantes da economia.

Talvez se pudesse recorrer a um slogan muito utilizados por Getúlio Vargas, a partir de 1928, quando chegou ao governo do Rio Grande do Sul⁶⁰, dizendo que, possivelmente, os luteranos não se mostravam tão afoitos na *política*, mas se interessavam muito pela *administração* eficiente de suas comunas.

A história de São Leopoldo, durante a República Velha, mostra claramente que os luteranos se empenharam muito na luta pelo poder local. Foi interessante constatar que a clivagem política local de todo o período transcorreu ao longo de uma linha religiosa.

De um lado, estavam os luteranos e os maçons - que em grande parte eram luteranos, mas também tinham adeptos entre os católicos - e, de outro, aqueles que se consideravam bons católicos. Além disso, foi interessante constatar que durante a Primeira Guerra os luteranos perderam um pouco de terreno, depois disso, porém, começaram - de forma consciente ou não - a ocupar todos os espaços da sociedade local: a diretoria da Associação Comercial e Industrial, mas também das diretorias dos clubes recreativos, por exemplo. E isso num município em que eles estavam longe de constituir uma maioria esmagadora⁶¹.

É verdade que os confrontos nunca eram apresentados como confessionais. Mesmo quando se chegava às vias de fato, como no caso do empastelamento da *Deutsche Post*, em 1928, esses confrontos sempre

⁵⁹ DREHER, Martin N. Luteranismo e participação política. In: DEHER, Martin N. (ed.). **Reflexões em torno de Lutero II**. São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 186.

⁶⁰ O slogan era: “Menos política e mais administração”.

⁶¹ GERTZ, René E. **O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920**. Porto Alegre, 2001 (manuscrito), p. 74-91.

foram justificados com argumentos nacionalistas, isto é, contra a *germanidade* e não contra a luteranidade⁶².

Os católicos de fala alemã do Rio Grande do Sul criaram, na segunda década do século XX, uma associação de caráter socioeconômico e religioso nos moldes da União Popular alemã⁶³. Antes disso, os luteranos haviam participado de uma associação ecumênica, que foi dissolvida em torno de 1910, mas no final de 1920 foi criada sob sua influência a Liga das Uniões Coloniais.

Como os luteranos, por razões doutrinárias, não aceitavam nem política nem economia luteranas, a Liga, oficialmente, não era confessional ou étnica, como a União Popular, de fato, porém, estava dominada pelos luteranos. Ao contrário da União Popular, a Liga se entendia como sindicato, que barganhava com o Estado, enquanto a outra não se cansava de destacar sua autonomia em relação ao Estado. A Liga, portanto, representava um outro capítulo interessante da luta dos luteranos pela sua cidadania⁶⁴.

Enquanto essas formas de relacionamento com o Estado, muitas vezes, procuravam mostrar uma certa restrição à atividade político-partidária, as perseguições durante a Segunda Guerra levaram, compreensivelmente, a um certo fortalecimento do luteranismo.

Para Santa Catarina, onde essa campanha foi mais incisiva, os números dos membros do sínodo luterano local mostraram um crescimento de membros de 18% entre 1940 e 1946.⁶⁵ No Rio Grande do Sul, foi, pela primeira vez, tentado eleger uma significativa bancada luterana para o parlamento regional, uma tentativa relativamente bem sucedida, pois puderam ser eleitos 7 deputados luteranos de diversos partidos - num total de 55 ⁶⁶.

⁶² GERTZ, René E. O nativismo, os teuto-brasileiros católicos e luteranos no Rio Grande do Sul. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, vol. 16, nº 24, p. 43-60, 1998.

⁶³ GERTZ, René E. Catolicismo social no Rio Grande do Sul: a União Popular. *Veritas*, Porto Alegre, vol. 37, nº 148, p. 553-79, 1992; RAMBO, Arthur Blasio. *O associativismo teuto-brasileiro e os primórdios do cooperativismo no Brasil*. São Leopoldo: UNISINOS, 1988.

⁶⁴ O mais importante trabalho sobre a União Popular e a Liga das Uniões Coloniais, incluindo uma comparação entre ambas, é SCHALLENBERGER, Erneldo. *O associativismo cristão no sul do Brasil: a contribuição da sociedade União Popular e da Liga das Uniões Coloniais e o desenvolvimento social sul-brasileiro*. Porto Alegre: PUCRS, 2001 (tese de doutorado).

⁶⁵ KRAUSE (Henrique), op. cit., p. 305.

⁶⁶ DREHER, Luteranismo e participação política..., p. 131.

Mesmo que não existam pesquisas sobre as eleições seguintes, parece que depois disso se parou, novamente, de fazer política explicitamente luterana, como indicam as citadas manifestações de 1983. Caberia investigar a participação efetiva dos luteranos na política desde então.

Deve-se apontar ainda para um outro aspecto da inserção dos luteranos no aparelho de Estado brasileiro: a participação na luta pela manutenção da laicidade da República brasileira.

Um exemplo: em 1925, por ocasião de uma reforma da Constituição brasileira, foram apresentadas duas emendas que pretendiam favorecer o catolicismo - permitir o ensino religioso nas escolas públicas e declarar o catolicismo como a religião da maioria do povo brasileiro. Em Porto Alegre, criou-se um Comitê Pró-Liberdade de Consciência, que se propôs a lutar contra a aprovação dessas emendas. O Comitê era liderado por positivistas, maçons, espíritas e metodistas.

Mesmo que a direção do Sínodo Riograndense (luterano) se tenha feito apenas representar no Comitê, através de um metodista, e que tenha manifestado sua oposição através de um telegrama ao presidente do Congresso Nacional, é interessante que a Ordem Auxiliadora de Senhoras da comunidade luterana de Pelotas se tenha engajado na luta local contra as emendas e que o intendente luterano de Lajeado tenha feito publicar um manifesto nos jornais de Porto Alegre no mesmo sentido⁶⁷.

Os aspectos destacados em relação aos luteranos no Brasil nos últimos 175 anos não permitem traçar um quadro linear de sua trajetória. Eles - ou parte deles - certamente tiveram um papel modernizador em certos momentos e sob certos pontos de vista, mostraram-se conservadores e mesmo reacionários em outros, contribuíram para a construção de importantes instituições.

Possivelmente não tenham sido muito diferentes do que toda a história do gênero humano: tiveram altos e baixos, avanços e recuos, contribuíram com papéis e obras mais e menos edificantes. - E talvez não tenham sido tão exóticos quanto ainda aparecem hoje para muitos cidadãos brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERSHEIM, Úrsula. **Uma comunidade teuto-brasileira (Jarim)**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais - MEC/INEP, 1962.

⁶⁷ Gertz, **O aviador**..., p. 50.

- ALVES, Ruben. **Protestantismo e repressão**. São Paulo Ática: 1979.
- AMSTAD, Teodoro. **Memórias autobiográficas**. São Leopoldo: UNISINOS, 1981.
- BACHMANN, E. Theodore. **Lutheranism in Brazil: a short historical account**. California: Berkeley, 1959 (manuscrito).
- BAHIA, Joana. **“O tiro de bruxa”: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do estado do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2000 (tese de doutorado).
- BASTIAN, Jean-Pierre. **Protestantes, liberales y francmasones: sociedades de ideas y modernidad en America Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- BERGER, Agenor. **Postura da Igreja Evangélica Luterana do Brasil frente ao regime militar (1964-1985)**. São Leopoldo: EST, 1994 (dissertação de mestrado).
- BERGER, Manfredo. A função da Igreja no processo de aculturação dos teuto-brasileiros. In: **II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1974.
- BOLETIM EST**, São Leopoldo, ano 2, nº 6, 2001.
- BUSS, Paulo Wille. **Relations between the Lutheran Church - Missouri Synod and the Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. Saint Louis: Concordia Seminary, 1981 (dissertação de mestrado).
- CÉSAR, Waldo et al. **Protestantismo e imperialismo na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1968.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira de. **A influência da Constituição de 1824 na implantação do protestantismo no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1999 (dissertação de mestrado).
- DELHAES-GÜNTHER, Dietrich von. **Industrialisierung in Südbrasilien**. Colônia (Alemanha): Böhlau Verlag, 1973.
- DEUTSCHES Volksblatt**, Porto Alegre, 5 de maio de 1925.

- DONNER, Sandra Cristina. **Os jovens luteranos e a “revolução brasileira”: um estudo histórico da Congregação dos Estudantes de Porto Alegre, da Associação Cristã de Acadêmicos e da Revista da Juventude Evangélica na década de 1960**. São Leopoldo: EST, 2001 (dissertação de mestrado).
- DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/EST, 1984.
- DREHER, Martin N. Luteranismo e participação política. In: DREHER, Martin N. **Reflexões em torno de Lutero II**. São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 121-32.
- DREHER, Martin N. Protestantismo de imigração no Brasil: sua implantação no contexto liberal-modernizador e as conseqüências desse projeto. In: DREHER, Martin N. **Imigrações e história da Igreja no Brasil**. Aparecida: Editora Santuário, 1993, p. 109-31.
- DREHER, Martin N. **Transformações do luteranismo brasileiro**. São Leopoldo: EST, s. d. (manuscrito).
- DRESSEL, Heinz. **Der deutschsprachige Kolonist im alten Siedlungsgebiet von São Leopoldo, Rio Grande do Sul: eine soziologische Studie unter besonderer Berücksichtigung von Dois Irmãos**. Neuendettelsau: Freimund, 1967.
- FOLHA de São Paulo**, 18 de fevereiro e 2 de dezembro de 2001.
- FRESTON, Paul. Dilemas de naturalização do protestantismo étnico: a Igreja Luterana no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, vol. 16, n° 24, p. 61-73, 1998.
- FUNDAÇÃO de Economia e Estatística (ed.). **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FEE, 1981.
- GERTZ, René E. O luteranismo no Rio Grande do Sul. **Teocomunicação**, Porto Alegre, vol. 13, n° 4, p. 359-68, 1983.
- GERTZ, René E. Catolicismo social no Rio Grande do Sul: a União Popular. **Veritas**, Porto Alegre, vol. 37, n° 148, p. 553-79, 1992.
- GERTZ, René E. O nativismo, os teuto-brasileiros católicos e luteranos no Rio Grande do Sul. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, vol. 16, n° 24, p. 43-60, 1998.
- GERTZ, René E. **O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920**. Porto Alegre, 2001 (manuscrito).
- HOEPFNER, L. **1827-1927 - Festschrift zur Jahrhundert-Feier des Bestehens der Deutsch-Evangelischen Gemeinde in Rio de Janeiro**. (Sem indicações), 1927.
- HUNSCHÉ, Carlos Henrique. **Protestantismo no sul do Brasil**. Porto Alegre/São Leopoldo: EST/Sinodal, 1983.
- HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 1997.

ISTO É, São Paulo, 9 de novembro de 1983.

JUNGBLUT, Airton Luiz. O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem religiosa. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira (eds.). **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Editora da ULBRA, 1994, p. 139-47.

KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro-Florianópolis**. Florianópolis: Papalivro, 1994.

KLUG, João. **A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina - a ação da Igreja Luterana através das escolas (1871-1938)**. São Paulo: USP, 1997 (tese de doutorado).

KOCH, Egon. Estrutura social de uma comunidade urbana. **Igreja em nossos dias**, São Leopoldo, ano 7, n° 8, p. 7-11, 1963.

KOHLHEPP, Gerd. **Industriegeographie des nordöstlichen Santa Catarina (Südbra-silien)**. Heidelberg: Selbstverlag des Geographischen Instituts der Universität Heidelberg, 1968.

KRAUSE, Henrique. **Lutherische Synode in Brasilien: Geschichte und Bekenntnis der Evangelisch-Lutherischen Synode von Santa Catarina, Paraná und anderen Staaten**. Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission, 1993.

KRAUSE, Silvana. **Economia, política e religião em Santa Cruz do Sul na República Velha**. Porto Alegre: UFRGS, 1991 (dissertação de mestrado).

KREUTZ, Lúcio. **O professor paroquial: magistério e imigração alemã**. Porto Alegre/Caxias do Sul/Florianópolis: Editora da Universidade/EDUCS/Editora da UFSC, 1991.

LEMKE, Marli Dockhorn. **The principles of Lutheran education and the confessional schools administration in the context of pedagogic ideas in the south of Brazil**. Wisconsin: Wisconsin International University, 1999.

MEYER, Dagmar E. Estermann. **Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro- evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul/São Leopoldo: EDUNISC/Sinodal, 2000.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Une paroisse d'origine germanique au Brésil: la communauté évangélique luthérienne à Curitiba entre 1866 et 1969**. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1978 (tese de doutorado).

NADALIN, Sérgio Odilon. Fecundidade das famílias de confissão luterana em Curitiba, 1920-1939. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n° 2, p. 175-84, 1981.

NADALIN, Sérgio Odilon. Dinâmica da população evangélica luterana em Curitiba a partir de 1866: alguns aspectos sobre fecundidade. **História: questões e debates**, vol. 3, n° 5, p. 195-204, 1982.

- NADALIN, Sérgio Odilon. Cidade, ciclos matrimoniais e etnicidade: imigrantes e descendentes de origem germânica luterana em Curitiba, 1866-1939. **História: questões e debates**, Curitiba, ano 16, n° 30, p. 217-21, 1999.
- OS POMERANOS: valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul - Pelotas e São Lourenço**. Pelotas: Editora Universitária, 1995.
- PFEIFER, Johannes. **Auf Luthers Spuren in Lateinamerika**. Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission, 1969.
- PRONTUÁRIO da IECLB - 2000/II**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- PRIEN, Hans-Jürgen. Lateinamerika (Brasilien/Argentinien). In: DUCHROW, U. e HUBER, Wolfgang (eds.). **Die Ambivalenz der Zweireichenlehre in lutherischen Kirchen des 20. Jahrhunderts**. Gütersloh: Gerd Mohn, 1976.
- PRIEN, Hans Jürgen. **Die Geschichte des Christentums in Lateinamerika**. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1978.
- PRIEN, Hans Jürgen. **Evangelische Kirchwerdung in Brasilien: von den deutsch-evangelischen Einwanderungsgemeinden zur Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien**. Gütersloh: Güterloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1989.
- QUADROS, Eduardo Gusmão de. **Conquistando o mundo estudantil para Cristo: uma história da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (1957-1987)**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998 (dissertação de mestrado).
- RADÜNZ, Roberto. **Do poder de Deus depende**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1996.
- RAMBO, Arthur Blasio. **O associativismo teuto-brasileiro e os primórdios do cooperativismo no Brasil**. São Leopoldo: UNISINOS, 1988.
- RANZI, Serlei Maria Fischer. Religião e identificação étnica. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, vol. 26, n° 1, 249-57, 2000.
- REHFELDT, Mário. **The first fifty years of the history of the Igreja Evangélica Luterana do Brasil: the Brazilian District of the Missouri Synod**. Saint Louis: Concordia Seminary, 1962 (dissertação de mestrado).
- RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1973.
- RIETH, Ricardo W. Luteranismo rio-grandense no século XX: da independência à institucionalização. In: FISCHER, Luís Augusto e GERTZ, René E. (orgs.). **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996, p. 283-9.
- SCHALLENBERGER, Erneldo. **O associativismo cristão no sul do Brasil: a contribuição da sociedade União Popular e da Liga de Uniões Coloniais e o desenvolvimento social sul-brasileiro**. Porto Alegre: PUCRS, 2001 (tese de doutorado).

- SCHMIDT, Martina. **“Quand nous joignons notre voix au chant de la libération”:** enquête sur la présence luthérienne au Brésil. Lausanne: Université de Lausanne/Faculté de Théologie, 1999 (dissertação de mestrado).
- SCHÜNEMANN, Rolf. **Do gueto à participação política: o surgimento da consciência sóciopolítica da IECLB entre 1960 e 1975.** São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- SCHÜNEMANN, Rolf. **Em busca da dinamicidade: a presença pastoral da Igreja Evangélica de Confissão Luterana nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e de São Paulo entre 1960 e 1990.** Rio de Janeiro: PUCRJ, 1997 (tese de doutorado).
- SKT PAULUSBLATT, Porto Alegre, n° 1, 1912.
- SPIEGART, Roland. **Os alemães protestantes no Brasil e a gênese de um protestantismo brasileiro.** Munique (Alemanha), 2000 (manuscrito).
- STEYER, Walter O. **Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o luteranismo.** Porto Alegre: Singular, 1999.
- TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e Igreja: as comunidades-livres no contexto da estruturação do luteranismo no Rio Grande do Sul.** São Leopoldo: EST, 1996 (dissertação de mestrado).
- VEJA, São Paulo, 8 de junho de 1994.
- WARTH, Carlos H. **Crônicas da Igreja.** Porto Alegre: Concórdia S. A., 1979.
- WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil.** Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1946.
- WILLEMS, Emílio. Protestantismus und Kulturwandel in Brasilien und Chile. **Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie**, Colônia (Alemanha), edição especial n° 7, p. 307-33, 1963.
- WIRTH, Lauri. **Protestantismus und Kolonisation in Brasilien.** Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission, 1993.
- WITT, Osmar Luiz. **Igreja na migração e colonização.** São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- ZERO Hora, 8 de janeiro de 2002.

RESUMO

Os luteranos no Brasil

Apesar de que haja um número bastante razoável de estudos sobre as Igrejas Luteranas no Brasil, há pouca bibliografia sobre *os luteranos*. O texto procura sistematizar alguns aspectos que caracterizam os luteranos no Brasil no decorrer de seus cerca de 175 anos de história neste país.

Palavras-chave: Protestantes; Luteranos; Imigração alemã.

ABSTRACT

Lutherans in Brazil

There is a number of good studies about Lutheran Churches in Brazil. But there are only few studies about *Lutherans*. This paper tries to organize some aspects which characterize Lutherans in Brazil during the last 175 years of their presence in this country.

Key words: Protestants; Lutherans; German Immigration.

